

## Papa Leão XIV visita o Cottolengo de Claypole

*Dom Orione queria levar ao Papa o coração dos pobres; agora é o Papa que vem encontrá-los justamente ao lado do coração do Fundador.*

Caríssimos Confrades,

*DEO GRATIAS!*

Não encontro expressão mais bonita, mais simples e mais verdadeira para manifestar os sentimentos que inundam o meu coração diante da notícia da visita do Papa Leão XIV ao nosso Pequeno Cottolengo de Claypole, na periferia de Buenos Aires (Argentina), no próximo dia 9 de novembro. **Deo gratias!** É um sentimento de profunda gratidão, mas também de admiração e emoção por um acontecimento tão bonito e significativo para toda a nossa Família Religiosa. Sentimos que recebemos um dom que supera todas as nossas expectativas e que acolhemos com alegria e humildade. Antes mesmo de procurar compreender seu significado, sentimos a necessidade de elevar os olhos ao Céu e dizer, com o coração de Dom Orione: Obrigado, Senhor, obrigado!

Será a primeira visita do Papa Leão a uma casa orionita desde que foi chamado à Sé de Pedro. Por isso, não se trata de uma notícia que diz respeito apenas aos confrades da Província “*Nuestra Señora de la Guardia*”. Diz respeito a toda a Pequena Obra, em cada país onde a Providência nos colocou. Por isso, desejo partilhar com vocês algumas reflexões sobre o significado desse dom e sobre as atitudes com que, como verdadeiros filhos de Dom Orione, somos chamados a vivê-lo.

### O Papa vem ao encontro dos nossos pobres

Na programação de uma visita apostólica, sempre repleta de encontros e compromissos, o Santo Padre reservou um momento para encontrar as pessoas acolhidas em nosso Cottolengo e aqueles que se dedicam diariamente ao seu cuidado. Gostaria de destacar esse aspecto, evidenciado na programação oficial da Santa Sé e retomado com alguns detalhes a mais pelo Site *Vatican News* (21 de setembro de 2026). O site apresenta o Cottolengo de Claypole como uma verdadeira “aldeia da caridade”, recordando que também Jorge Mario Bergoglio, quando era arcebispo de Buenos Aires, o visitou diversas vezes, apoiando suas iniciativas e atividades. Agora será o Papa Leão XIV quem entrará nessa casa para encontrar pessoalmente os residentes e os colaboradores.

É um gesto que nos comove e nos enche de gratidão. Mas é também um gesto que merece ser meditado, porque nos fala da nossa vocação e do significado mais profundo da caridade que Dom Orione nos confiou.

O Papa Leão XIV não vem simplesmente visitar uma das nossas grandes obras, conhecer as dimensões das nossas estruturas ou prestar homenagem à história da Congregação. Vem, sobretudo, encontrar pessoas: homens e mulheres que vivem situações de fragilidade, deficiência ou doença e que, nas nossas casas, devem encontrar não apenas assistência, mas, acima de tudo, acolhida, respeito, carinho e dignidade.

Isso nos conduz imediatamente ao centro da intuição de Dom Orione. Os Pequenos Cotelengos nasceram da sua convicção de que ninguém deve sentir-se abandonado, de que toda pessoa, independentemente de sua condição, é preciosa aos olhos de Deus e de que a caridade cristã deve alcançar especialmente aqueles que correm o risco de ser esquecidos. Recordo suas palavras de 13 de abril de 1935: *“O Pequeno Cotelengo manterá sempre as portas abertas a toda espécie de miséria moral ou material. Aos desiludidos, aos aflitos da vida, dará consolo e luz da fé (...) enfim, a todos aqueles que, por um motivo ou outro, precisam de assistência e ajuda, mas não podem ser recebidos em hospitais ou abrigos e estão verdadeiramente abandonados: seja qual for sua nacionalidade, seja qual for sua religião, mesmo que não tenham religião: Deus é Pai de todos!”* (Lettere II, 225).

A visita acontece num momento difícil para a assistência às pessoas com deficiência na Argentina. Isso também lhe confere um significado especial: o Papa se aproxima dos mais frágeis e daqueles que, todos os dias, cuidam deles com esforço e fidelidade.

Podemos imaginar a alegria dos residentes de Claypole ao receber o Santo Padre. Mas gostaria que, por meio deles, todos nós, em qualquer parte do mundo, nos sentíssemos visitados. Simbolicamente, o Papa entra em cada um dos nossos Pequenos Cotelengos, nas nossas casas de acolhida, nos nossos espaços de caridade educativa, nas paróquias e nas missões onde a caridade orionita procura tornar-se concreta a cada dia.

O gesto do Papa, que escolhe dedicar um momento de sua visita às pessoas mais frágeis e àqueles que cuidam delas, também nos convida a perguntar: nas nossas obras, as pessoas estão realmente no centro? Nossas estruturas e atividades conseguem expressar aquela caridade familiar, atenciosa e pessoal que Dom Orione desejava? E, sobretudo, aqueles que acolhemos se sentem verdadeiramente amados e considerados parte da nossa família?

É bonito, a esse respeito, reler as palavras com que Dom Orione descrevia a vida no Pequeno Cotelengo: *“No Pequeno Cotelengo vive-se com alegria: reza-se, trabalha-se conforme as forças permitem; ama-se a Deus, amam-se e servem-se os pobres. Nos abandonados, vê-se e serve-se Cristo, com santa alegria. Quem é mais feliz do que nós? E também os nossos queridos pobres vivem contentes: eles não são hóspedes, não são internos, mas são os donos, e nós, seus servidores. Assim se serve ao Senhor! Como é bonita a vida no Pequeno Cotelengo! É uma sinfonia de orações pelos benfeitores, de trabalho, de alegria, de cantos e de caridade!”* (Lettere II, 227).

Essas palavras de Dom Orione encontram uma bela sintonia na exortação apostólica *Dilexi te* (n. 104), na qual o Papa Leão XIV nos recorda que os pobres não são simplesmente um problema social, mas *“uma questão de família”*, são *“dos nossos”*. Por isso, *“a relação com eles não pode ser reduzida a uma atividade ou a um setor da Igreja”*. Portanto, não basta oferecer-lhes um serviço, por mais qualificado que seja: é preciso partilhar a vida, dedicar tempo, escutar, acompanhar e fazer com que cada um se sinta acolhido e amado.

É justamente esse espírito de família que Dom Orione desejava em seus Pequenos Cotelengos e que somos chamados a preservar.

## Uma história de afeto e comunhão com os Papas

A visita de Leão XIV se insere numa história muito bonita que une Dom Orione e a Congregação aos sucessores de Pedro.

Conhecemos o amor extraordinário do nosso Fundador pelo Papa. Para ele, a união com o Sucessor de Pedro não era apenas uma questão de disciplina eclesiástica, mas uma dimensão essencial da sua espiritualidade e missão. Servir ao Papa significava servir a Cristo e à Igreja, contribuindo, por meio das obras de caridade, para conduzir as pessoas à fé e à comunhão eclesial. Ele deixou escrito: *“O amor ao Papa é o nosso amor sagrado, é a nossa vocação, é o nosso Credo, é a pulsação de toda a nossa vida, ó meus queridos filhos!”* (Scritti 49,125).

Esse vínculo permaneceu vivo também depois da morte de Dom Orione e se manifestou em muitas ocasiões, por meio de palavras e intervenções dos Pontífices, que tantas vezes recordaram a figura do Fundador e o valor da sua obra. Aliás, a fidelidade ao Papa faz parte da nossa própria identidade carismática, a ponto de podermos afirmar que *“consideramos uma honra suprema vincular-nos por um voto particular de especial fidelidade ao Sumo Pontífice”* (Const. 6).

Entre tantas expressões dessa proximidade recíproca, gostaria de recordar aqui algumas visitas dos Papas às nossas casas, que hoje adquirem um significado especial à luz do acontecimento que nos preparamos para viver em Claypole.

Recordo, antes de tudo, a visita de Paulo VI à Igreja de Todos os Santos, em Roma, em 7 de março de 1965, primeiro domingo da Quaresma. Foi um acontecimento histórico para toda a Igreja: o Papa escolheu justamente essa nossa paróquia para celebrar a primeira Missa em italiano segundo as novas disposições litúrgicas, marcando uma etapa fundamental na aplicação da reforma promovida pelo Concílio Vaticano II. Na homilia, destacou a importância daquela *“nova maneira de rezar, de celebrar a Santa Missa”*, que permitia aos fiéis compreender as palavras da liturgia e participar mais conscientemente do diálogo com Deus.

Uma página inesquecível foi a visita de João Paulo II ao Pequeno Cotelengo de Gênova, em 22 de setembro de 1985. Para recordar melhor aquele acontecimento, consultei a edição de novembro de 1985 do nosso boletim *Don Orione*. Encontrei ali uma crônica rica em detalhes, testemunhos e fotografias que transmitem toda a beleza e a intensidade daquele encontro.

O Papa chegou ao Paverano às 10h40, vindo do Santuário de Nossa Senhora da Guarda, no monte Figogna. Na entrada, esperavam-no duas filas de residentes do Cotelengo, aqueles que Dom Pensa gostava de chamar de *“nossa aristocracia”*. A crônica conta que o Papa não tinha pressa: parava diante das pessoas, fazia-lhes carinho, muitas vezes as beijava e dirigia a cada uma um olhar cheio de ternura.

Em certo momento, quis subir até o quarto andar para encontrar-se reservadamente com Angela Carta, uma mulher que havia trinta e cinco anos vivia numa condição de sofrimento gravíssimo, oferecendo sua vida pelos sacerdotes. Ninguém soube o que disseram um ao outro, mas os presentes perceberam que João Paulo II, ao sair do quarto, enxugava as lágrimas.

No discurso dirigido aos residentes, o Papa pronunciou palavras que ainda hoje nos comovem: *“Ao me aproximar de cada um de vocês, inclino-me com emoção diante de seu sofrimento”*. E acrescentou, referindo-se a Dom Orione: *“Aqui, na verdade, tudo fala dele”*,

recordando que, em 1933, nosso Pai Fundador havia aberto pessoalmente aquela instituição para consolo dos irmãos mais pobres e necessitados.

A crônica daquela visita trazia uma expressão particularmente bonita: “*Encontro de dois amores*”. Referia-se aos dois grandes amores de Dom Orione, o Papa e os pobres, que naquele dia se encontravam concretamente na mesma obra de caridade.

No ano seguinte, em 8 de junho de 1986, João Paulo II visitou o Centro Dom Orione de Monte Mario, em Roma, por ocasião dos Campeonatos Italianos de Esporte para Pessoas com Deficiência. Também naquela ocasião, reconheceu na nossa missão um compromisso de promoção humana, solidariedade e superação da marginalização, destacando o espírito de fidelidade e de total disponibilidade à Igreja e ao Papa que caracteriza a nossa Família.

Outra visita que merece ser lembrada é a de Bento XVI ao Centro Dom Orione de Monte Mario, em 24 de junho de 2010, por ocasião da bênção da estátua da “Madonnina”, restaurada depois de ter sido danificada pela força do vento. O Papa recordou a história da estátua, ligada ao voto dos romanos a Nossa Senhora durante a Segunda Guerra Mundial, e destacou como os orionitas haviam unido a devoção mariana ao compromisso concreto da caridade, acolhendo no Centro órfãos e crianças mutiladas pela guerra. Dirigindo-se aos religiosos, que acabavam de concluir o XIII Capítulo Geral, Bento XVI recordou o programa do Fundador: “*Só a caridade salvará o mundo*”, incentivando-nos a reavivar o dinamismo espiritual e apostólico da Congregação. Deixou-nos, sobretudo, uma orientação preciosa: nossas obras nunca devem se reduzir à mera filantropia, mas devem ser expressão concreta do amor providente de Deus. Por isso, convidou-nos a deixar-nos, nas palavras de Dom Orione, “*ser plasmados pela suavíssima caridade de Nosso Senhor*”, para podermos passar “*das obras de caridade à caridade das obras*”.

Cinquenta anos depois da visita de Paulo VI, em 7 de março de 2015, o Papa Francisco voltou à Paróquia de Todos os Santos, por ocasião do 50º aniversário da primeira Missa em italiano celebrada por seu predecessor e do 75º aniversário da morte de São Luís Orione. Depois da celebração eucarística, o Papa permaneceu no pátio da paróquia para cumprimentar carinhosamente as pessoas. Ao recordar a coragem da Igreja em iniciar a reforma litúrgica, exortou a todos com palavras simples e incisivas: “*Devemos ir sempre em frente, sempre em frente, e quem volta para trás erra. Vamos em frente por esse caminho!*”. Um convite que também podemos sentir dirigido à nossa Família Religiosa: seguir em frente, com a coragem de nos renovar, sem perder a fidelidade ao carisma e à missão que Dom Orione nos confiou.

Antes de concluir esse breve percurso histórico, gostaria de voltar mais uma vez ao boletim de novembro de 1985. Na mesma edição que relata a visita de João Paulo II a Gênova, encontra-se também a crônica da peregrinação da relíquia do coração de Dom Orione pela Argentina, que naqueles meses despertava por toda parte manifestações de fé, afeto e gratidão. A relíquia passou também pelo Pequeno Cotelengo de Claypole, onde foi venerada especialmente pelos residentes. Quinze anos depois, em 29 de agosto de 2000, aquele coração voltou definitivamente a Claypole, realizando o desejo expresso pelo Fundador: “*Deixo meu coração na Argentina, onde espero voltar em breve!*”.

E eis que, quarenta e um anos depois da visita de João Paulo II a Gênova, o Papa Leão virá justamente a Claypole, onde se conserva a relíquia do coração de Dom Orione. É uma coincidência que nos convida a contemplar, mais uma vez, a profunda unidade dos dois grandes amores do nosso Fundador: o Papa e os pobres. Em Gênova, o Sucessor de Pedro se

inclinava com emoção diante dos pobres; agora, em Claypole, o Sucessor de Pedro vem encontrá-los justamente onde se conserva o coração daquele que tanto os amou.

Esses encontros nos recordam que nosso amor ao Papa não pode se limitar ao afeto e à devoção, mas deve traduzir-se em fidelidade eclesial concreta e na disponibilidade para responder às necessidades da Igreja e da humanidade.

Dom Orione queria que suas obras fossem sinais visíveis da maternidade da Igreja, capazes de aproximar de Cristo até mesmo as pessoas mais distantes. É essa a responsabilidade que continuamos a assumir hoje.

### ***Olharão para Ele, olharão para nós!***

Conhecemos bem a força dessa expressão que Dom Roberto Simionato nos deixou às vésperas da canonização de Dom Orione. Era um convite a tomar consciência de que, ao contemplar a santidade do Fundador, as pessoas voltariam o olhar também para nós, seus discípulos, para reconhecer em nossa vida a continuidade de seu exemplo, mas talvez também alguma contradição entre seus ensinamentos e nosso modo de viver.

Essa expressão me voltou à memória ao refletir sobre a visita do Papa a uma das nossas obras de caridade. Parece-me que hoje podemos retomá-la com um novo significado: *“Olharão para o Papa, mas olharão também para nós!”*.

Certamente podemos nos alegrar porque o Santo Padre escolheu visitar uma das nossas obras. Podemos legitimamente sentir alegria pela visibilidade que esse acontecimento dará ao serviço de tantos religiosos, colaboradores e voluntários que, muitas vezes em silêncio e sem nenhum reconhecimento público, dedicam sua vida às pessoas mais frágeis.

Mas essa visibilidade também traz uma responsabilidade. A visita já está despertando grande atenção na Argentina e certamente terá ampla repercussão nos meios de comunicação. Os olhares se voltarão não apenas para o Santo Padre, mas também para nossa obra, para nosso modo de acolher e servir os pobres, para o estilo da nossa caridade e, em última análise, para nossa fidelidade ao carisma de Dom Orione. Será uma bela ocasião para tornar conhecida a nossa missão, mas também uma oportunidade de nos perguntarmos sobre a coerência do nosso testemunho.

Por isso, creio que a pergunta mais importante não é o que essa visita representa para o prestígio da Congregação, mas sim: o que o Senhor quer nos dizer por meio da presença do Papa em nossa casa de Claypole?

Talvez nos convide a redescobrir a simplicidade da nossa vocação, a reconhecer o valor dos pequenos gestos cotidianos, a colocar novamente no centro a relação pessoal com aqueles que nos são confiados. Convida-nos a verificar se, nas nossas obras, a qualidade da assistência é sempre acompanhada pela qualidade das relações humanas; se a necessária organização deixa espaço para a proximidade, a escuta e a ternura; se as exigências administrativas não acabam, às vezes, nos afastando das pessoas. Na encíclica Magnifica humanitas (n. 114), Leão XIV nos recorda que *“a qualidade de uma civilização se mede não pelo poder de seus meios, mas pelo cuidado que sabe oferecer”*. É um critério que interpela também nossas obras: o profissionalismo e a boa organização são necessários, mas nunca devem ocupar o lugar da relação pessoal e da caridade.

E talvez nos peça também para olhar além das obras que já temos. Quando Leão XIV atravessar a entrada do Pequeno Cotelengo de Claypole, trará consigo, simbolicamente, também as necessidades e os sofrimentos do mundo: a dor de quem vive a guerra, o drama de quem é obrigado a deixar sua terra, a solidão de tantas pessoas, as novas formas de pobreza e exclusão. Entrará numa casa que acolhe os pobres, mas nos recordará que muitos outros ainda esperam ser reconhecidos, escutados e ajudados. Sua presença nos convida, portanto, a não nos acomodarmos nas obras que já temos, mas a manter os olhos e o coração abertos às novas necessidades da humanidade, para responder com a mesma ousadia e generosidade de Dom Orione.

No fundo, nossa preocupação não deve ser causar uma boa impressão diante do Papa ou do mundo, mas ser fiéis a Dom Orione, mesmo quando ninguém está nos olhando.

### **Que atitudes viver diante desta visita?**

Gostaria de sugerir, de modo particular, algumas atitudes que possam nos acompanhar na preparação e, sobretudo, no período posterior a esse encontro.

Antes de tudo, a gratidão. Agradeçamos ao Senhor por esse dom e pela história de caridade que nos foi confiada. Agradeçamos pelos muitos confrades que nos precederam, por aqueles que hoje entregam generosamente sua vida à missão e pelos leigos que compartilham conosco o carisma. Agradeçamos também pelos nossos pobres, que continuam a nos ensinar o significado mais autêntico da gratuidade e do amor.

Depois, a humildade. Não devemos esquecer que nossas obras nasceram da Providência e pertencem, antes de tudo, aos pobres e à Igreja. Não somos donos da caridade, mas seus servidores. Nossas realizações, por mais importantes que sejam, nunca devem se tornar motivo de autossuficiência ou protagonismo. Diante da visita do Papa, o sentimento mais autenticamente orionita não é o orgulho de mostrar o que fizemos, mas a gratidão pelo que o Senhor continua a realizar por meio da nossa pobreza.

Além disso, a comunhão eclesial. Nossa fidelidade ao Papa não deve ser vivida apenas por meio de palavras carinhosas ou manifestações externas de devoção. Ela se expressa sobretudo na acolhida de seu magistério, na partilha das preocupações da Igreja e na disponibilidade para colaborar com ela. Amar o Papa, segundo o espírito de Dom Orione, significa também deixar-nos orientar por suas indicações, especialmente quando nos convidam a mudar a mentalidade e o comportamento.

Por fim, a coragem de nos renovar. Cada visita do Papa traz consigo uma graça e uma responsabilidade. Não gostaria que, depois de 9 de novembro, tudo simplesmente voltasse a ser como antes. Seria bonito se cada comunidade e cada obra se perguntassem que passo concreto podem dar para tornar mais autêntico nosso testemunho de caridade. Às vezes, não são necessários grandes projetos: pode bastar uma atenção maior a uma pessoa, uma mudança na maneira de acolher, uma presença mais significativa dos religiosos junto aos residentes, uma nova iniciativa para alcançar quem ficou à margem. Lembremos que prometemos levar *“os pequenos, os pobres e o povo à Igreja e ao Papa, mediante as obras de caridade”*.

## **A visita a Claypole, uma mensagem para toda a Congregação**

O Pequeno Cotelengo de Claypole tem uma ligação especial com a história de Dom Orione e com seu amor pela Argentina. É uma das expressões mais significativas daquela caridade que o Fundador quis levar também para além das fronteiras italianas, confiando na Divina Providência.

Por isso, a alegria dos confrades argentinos será a alegria de toda a Congregação. Desejo expressar desde já minha especial proximidade aos religiosos, às religiosas, aos colaboradores, aos residentes do Cotelengo de Claypole e às suas famílias, que terão a graça de acolher pessoalmente o Santo Padre.

Mas gostaria também que nenhum de nós se sentisse alheio a esse acontecimento. A visita diz respeito a todos, porque nos recorda a mesma vocação e a mesma responsabilidade carismática.

Convido, portanto, todas as comunidades a se prepararem espiritualmente com a oração pelo Santo Padre e pelos frutos de sua viagem apostólica. Onde for possível, organize-se também um momento comunitário para acompanhar a visita e, depois, refletir sobre as palavras que Leão XIV dirigirá à nossa Família.

Sobretudo, gostaria que nas nossas casas houvesse espaço para escutar também as pessoas a quem servimos. Elas não são apenas destinatárias da bênção do Papa. São parte viva da nossa família e de sua missão. Sua experiência, suas expectativas e seu testemunho podem nos ajudar a compreender melhor o dom que estamos recebendo.

## **O que ficará depois de 9 de novembro?**

Caríssimos Confrades, dessa visita certamente ficarão fotografias, imagens, relatos e lembranças que guardaremos com carinho. Serão testemunhos preciosos de um momento histórico para nossa Congregação. Mas espero que permaneça, sobretudo, algo mais profundo: uma consciência maior da beleza da nossa vocação e uma decisão renovada de viver a caridade de Cristo no espírito de Dom Orione.

A esse respeito, gostaria de compartilhar com vocês uma singular coincidência de datas que me chamou especialmente a atenção. Em 9 de novembro de 2009, exatamente dezessete anos antes da visita prevista de Leão XIV a Claypole, o então cardeal Jorge Mario Bergoglio gravava uma mensagem em vídeo destinada aos confrades reunidos para o Capítulo da Província *“Nuestra Señora de la Guardia”*. Não podendo participar pessoalmente, quis manifestar sua proximidade a uma Congregação que, como ele mesmo disse, amava muito.

Naquela mensagem, que hoje podemos reler com especial emoção, Bergoglio nos deixou orientações muito fortes sobre nossa identidade e missão. Pedia-nos que fôssemos às periferias existenciais, que fôssemos uma Congregação capaz de sair às ruas e de viver na pobreza, confiando na Divina Providência. Mas, sobretudo, indicava nos Pequenos Cotelengos *“a fronteira existencial mais concreta do carisma de vocês”*. E acrescentava palavras que nunca deveríamos esquecer: é preciso *“perder tempo, gastar tempo com eles, porque são a carne de Jesus”*.

É realmente sugestivo pensar que, justamente em 9 de novembro, dezessete anos depois daquela mensagem em vídeo, o Papa Leão XIV entrará no Pequeno Cotelengo de Claypole, uma casa que torna visível aquela fronteira da caridade indicada por Bergoglio. Ali, onde se conserva a relíquia do coração de Dom Orione, o Sucessor de Pedro encontrará os

nossos queridos pobres. As palavras do futuro Papa Francisco e o gesto de Leão XIV parecem, assim, remeter um ao outro, convidando-nos a reconhecer no Cotelengo não apenas uma grande instituição assistencial, mas um coração pulsante da caridade, onde a presença de Cristo continua a se manifestar por meio do amor aos mais frágeis.

Há outra expressão de Bergoglio que hoje adquire um significado especial. Falando do serviço aos pobres, dizia: “*Tenham certeza de que os jornais não vão falar de vocês*”. Desta vez, porém, os jornais e os meios de comunicação certamente falarão de Claypole e da nossa obra por causa da visita de Leão XIV. Mas a verdadeira grandeza da caridade orionita continuará a se manifestar sobretudo no serviço cotidiano, silencioso e escondido, quando as câmeras estiverem desligadas e o Papa já tiver partido.

Depois de 9 de novembro, depois da partida do Papa Leão, a imagem mais bonita que gostaria que permanecesse em nosso coração é a do Papa no meio dos pobres, os pobres no centro da atenção da Igreja e nós, filhos de Dom Orione, chamados a servir os pobres e a Igreja com todo o nosso amor.

O cardeal Bergoglio concluía aquela mensagem de 2009 desejando-nos viver com tamanha fidelidade ao carisma que pudéssemos continuar exclamando, como nos tempos do Fundador: “*Deo gratias!*”.

E é justamente com essa expressão, com a qual quis iniciar a presente circular, que desejo concluí-la. *Deo gratias!* Pelo dom dessa visita, pelo bem que o Senhor continua a realizar por meio da nossa Família e pela responsabilidade que mais uma vez nos confia.

Confiemos o Santo Padre e toda a Família Orionita a Nossa Senhora da Divina Providência, pedindo que esse encontro desperte nova confiança, fraternidade e generosidade apostólica. E, sobretudo, que nos torne cada vez mais fiéis à nossa vocação de servidores de Cristo e dos pobres.

Com afeto fraterno, saúdo a todos no Senhor.

**P. Tarcísio G. Vieira**  
*Diretor geral*

